



Revista Brasileira de Comércio Exterior

Ano XXXVIII

161

Outubro,  
Novembro e  
Dezembro  
de 2024

**Multipolaridade**

**Trade Finance & Negócios**

**Branding & Linguagem**

**SheTrader & Commodities**

Imagem de Gard Altmann por Pixabay



**FUNCEX**



**fundação  
centro de estudos  
do comércio  
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

**EDITORIAL****2 G20 e desafios para 2025***Miguel Lins***ENTREVISTA****4 Atilio Rulli***Vice-presidente de Relações Públicas da Huawei América Latina e Caribe***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****10 A economia e o cobertor curto***George Vidor***INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS****12 Internacionalização das empresas brasileiras no mundo multipolar***Antonio Carlos da Silveira Pinheiro***TRADE FINANCE****16 Trade Service e Banking as a Service... A inovação em Comércio Exterior!***Cristiane de Freitas***AMBIENTE DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS****18 A presidência brasileira do G20 em 2024: uma avaliação***Felipe Hees***28 La posible incorporación de Colombia a la Iniciativa de la Franja y la Ruta, puede ser la puerta a una gran oportunidad de desarrollo económico o su error más grave a nivel geopolítico***Santiago Cabrera Grajales***32 Exportação Acelerada: Expansão dos Negócios Internacionais***Henry Uliano Quaresma***36 Por um Programa Brasileiro de Sustentabilidade para as exportações***Marina de Almeida Bezerra Reis***38 Os reflexos das eleições norte-americanas na cadeia global de gás natural liquefeito e, em especial, no Brasil***Luis Augusto Medeiros Rutledge***INDICADORES FUNCEX****42 Séries históricas de indicadores do comércio exterior***Henry Pourchet***MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS****48 Mobilização de recursos internos para financiar as exportações com os acúmulos de ICMS nas vendas externas***Jorge Sabione***54 Mobilização de Recursos Internos para financiar as vendas externas com os créditos do Funrural de exportação indireta***Felipe Fortunato***BRANDING E LINGUAGEM****58 Qualificação Empresarial para Branding Intercultural como Estratégia Integrada de Promoção Comercial***Rodrigo Solano***64 O Papel da Linguagem no Comércio Internacional e nas Cadeias Globais de Valor***Paulo Pandjarian***PRÁTICA DE COMEX****70 Exportação de commodities***Romulo Del Carpio***78 Shetrader, She4trade e He4she para o Brasil***Mario Cordeiro de Carvalho Junior e Renata Sanchez*

# Os reflexos das eleições norte-americanas na cadeia global de gás natural liquefeito e, em especial, no Brasil



Luis Augusto  
Medeiros  
Rutledge

**Luis Augusto Medeiros Rutledge**  
é Analista de Geopolítica Energética

A lei do mercado está se fazendo presente nas compras de gás importado. A União Europeia, hoje dependente do suprimento de bandeiras alternativas ao fornecimento russo, está comprando cada vez mais gás dos reservatórios de xisto dos EUA, o maior exportador de GNL do mundo e a principal fonte de importação do Brasil. Ao disputar a compra de GNL com os europeus e atrair os navios gaseiros para o litoral brasileiro paga-se um valor acima do mercado.

Segundo a Administração de Informações de Energia dos Estados Unidos (EIA), a capacidade de exportação de gás natural liquefeito (GNL) dos reservatórios norte-americanos atingirá valores extremamente elevados até 2028. Com a vitória ampla de Donald Trump no início do mês, futuros projetos, antes bloqueados por pressões políticas e ambientais, começarão a operar conforme planejado, gerando o potencial de exportação de 24,4 Bcf/dia (bilhões de pés cúbicos por dia) em 2028.

Ao longo dos últimos anos, os Estados Unidos (EUA) aumentaram sua influência na geopolítica energética global e se tornaram o maior exportador mundial de GNL. Após o início da guerra da Ucrânia, empresas e países da Europa se tornaram reféns de suprimentos de GNL de bandeira norte-americana, enquanto o fluxo de gás canalizado da Rússia diminuía a cada dia. Além disso, devemos citar o mercado asiático que de olho na descarbonização faz a gradativa troca do carvão pelo GNL dos EUA.

O segundo semestre de 2024, no entanto, apresentou incertezas quanto aos impactos que a eleição presidencial norte-americana poderia causar na futura política energética de exportações de GNL dos EUA. Riscos geopolíticos podem se concretizar a partir de incertezas no suprimento de gás ao mercado europeu e nas sempre urgentes importações gás para as termelétricas brasileiras.

Durante o transcorrer do ano, o governo democrata do presidente Joe Biden sofreu com pressões internas de grupos ambientalistas e do próprio Partido Democrata para interromper novos projetos de plantas de regaseificação e diminuir as exportações de GNL, que causaram turbulências internas no governo e incertezas ao suprimento futuro para a Europa e Ásia, regiões de alta demanda.

No campo da geopolítica energética, as visões contrastantes, antes das eleições, de Donald Trump e Kamala Harris para o rumo do setor energético norte-americano, colocaram sob risco uma remota recondução da Rússia ao tabuleiro de xadrez do suprimento energético europeu. A recente vitória eleitoral de Trump fortalece a indústria de óleo e gás.





É esperado que Trump inicie imediatamente um esforço para desregularizar ainda mais o desenvolvimento de petróleo e gás, bem como aprovar uma legislação no Congresso para acelerar o licenciamento de projetos de energia fóssil.

A desregulamentação foi uma marca registrada do primeiro governo Trump, que reescreveu ou revogou dezenas de regras relacionadas à energia e ao clima em agências como o Departamento do Interior e a Agência de Proteção Ambiental (EPA).

O retorno do ex-presidente irá permitir mais arrendamentos para perfuração de petróleo e gás e, possivelmente, as políticas energéticas do novo governo irão guiar o futuro das exportações de GNL dos EUA.

É evidente que as exportações de GNL são cruciais para a economia dos EUA ao garantir substanciais receitas e a influência geopolítica de grande parte do comércio internacional de energia. Desde o incremento exponencial na atividade econômica norte-americana, estimulado pelo petróleo e gás natural da revolução do xisto, os Estados Unidos se posicionaram como líder global em energia impulsionando o crescimento do setor industrial. Para os republicanos, e, em especial, para Trump, o domínio energético é essencial para a segurança nacional e a economia interna. Abertamente, o ex-presidente defende a expansão da indústria de combustíveis fósseis, incluindo as exportações de GNL.

Durante o primeiro governo Trump, foram criados vários terminais de exportação de GNL, com o objetivo de aumentar a vantagem competitiva dos EUA no mercado global de energia, e hoje se traduz na extensa capacidade de suprimento energético da União Europeia e grande parte do mercado asiático.

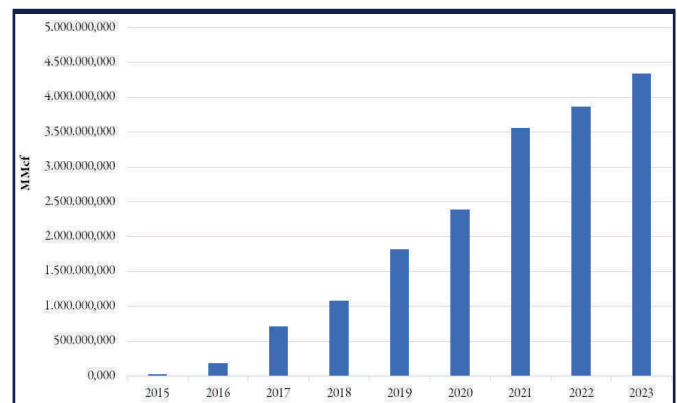
A partir de 2025, o segundo mandato de Donald Trump deverá liberar a produção interna de petróleo e gás, aumentar a segurança energética da União Europeia, ou melhor dizendo, aumentar a dependência europeia às reservas de óleo e gás do xisto norte-americano e reforçar o papel dos EUA como principal exportador da cadeia de GNL.

A produção de petróleo e gás dos EUA disparou para níveis recordes sob o governo Biden, e as políticas energéticas de Trump se concentrarão quase exclusivamente em aumentá-la ainda mais.

O futuro do comércio de GNL entre EUA e União Europeia sob o novo mandato de Trump está em uma encruzilhada crítica. Por um lado, o compromisso de Trump de aumentar a produção interna de energia e impulsionar as exportações vai de encontro com a necessidade urgente da Europa de diversificação de fornecedores de gás e segurança energética. Por outro lado, a competitividade dos custos e as rigorosas políticas climáticas da Europa podem impedir a expansão contínua do comércio de GNL num longo prazo.

Ao longo dos últimos anos, a Europa aumentou sua infraestrutura na construção de terminais de importação de GNL e instalações de regaseificação. Entretanto, permanecem disparidades significativas na infraestrutura em toda a região, o que pode dificultar o fluxo contínuo de GNL dos EUA.

GRÁFICO 1  
EXPORTAÇÃO DE GNL DOS EUA



Apesar dos habituais desafios, a produção de óleo e gás continua pujante nos EUA. Para isso, mostramos o Gráfico 1, que abrange o período entre 2015 e 2023 e onde observamos o aumento ao longo dos últimos anos nas exportações de GNL dos reservatórios dos EUA. Vale destacar o salto de 28.380,528 MMcf (Milhões de pés cúbicos) em 2015 para 4.343.026,674 MMcf em 2023.

Em contrapartida, muitos analistas consideram que a demanda global por petróleo está próxima do pico. A produção fóssil continua a diminuir na União Europeia, mesmo com a recuperação da procura.

As energias eólica e solar, indispensáveis após a guerra da Ucrânia, atingem novos máximos, alcançando uma quota de 30% da produção de eletricidade da União Europeia e ultrapassando os combustíveis fósseis pela primeira vez.

O crescimento explosivo de veículos elétricos na China e na Europa e o crescimento mais lento nos Estados Unidos estão começando a afetar a demanda por petróleo, de acordo com relatórios da Agência Internacional de Energia.

A Opep, o consórcio de países produtores de petróleo liderado pela Arábia Saudita, também reduziu sua previsão de quanto petróleo o mundo precisará no próximo ano.

Ainda assim, em todos os cenários, com menor ou maior grau de descarbonização, a demanda por petróleo e gás natural permanece.

## POR QUE A PREOCUPAÇÃO DO BRASIL?

O Brasil depende fortemente da geração de energia hidrelétrica. Segundo o Balanço Energético de 2023, as usinas de Itaipu, de Belo Monte e de São Luiz do Tapajós são algumas das responsáveis por mais de 60% da geração de energia elétrica nacional.

A queda, nos últimos meses, dos níveis de armazenamento das hidrelétricas apresenta risco energético ao país. O passado recente justifica a atual apreensão com seca e importação de GNL. Em 2021, o país foi atingido por secas severas, forçando o uso excessivo das térmicas e importações recordes de GNL dos EUA. Num cenário, onde Ásia e o Cone Sul disputavam as sobras europeias de GNL, os preços atingiram um recorde de US\$ 40,145/MMBtu em 5 de outubro de 2021.

Por ter uma geografia favorável, o Brasil possui uma infraestrutura aplicada ao uso de hidrelétricas para a

maior parte de seu consumo de energia, mas recorre à oferta importada de gás para compensar os possíveis déficits hidrelétricos.

Riscos globais ao suprimento energético existem. Uma retração nas exportações globais de GNL, em especial dos EUA, poderia apertar ainda mais o mercado global do combustível e elevar o preço do gás importado, justo quando a demanda cresce em grande parte do mundo, causados pelo inverno europeu e a seca brasileira. A vitória de Trump parece espantar o risco. Por outro lado, para aquecer a disputa pelo suprimento, o Brasil intensifica suas compras de GNL e aumenta a pressão sobre o mercado global.

Diante de níveis baixíssimos de seus reservatórios hidrelétricos, Brasil precisa se antecipar e garantir mais importações de gás natural para termelétricas no início de 2025. Maior economia da América Latina, o Brasil que normalmente depende principalmente da energia hidrelétrica para geração de eletricidade, voltará às compras de GNL no mercado *spot*.

Em setembro último, as altas importações de GNL ultrapassaram o recorde de 20,87 Bcf de GNL, atingido em janeiro de 2022. Com contratos de longo prazo praticamente garantidos pelos compradores na Ásia e Europa, o Brasil precisa estar atento à disponibilidade da molécula e aos preços mais robustos cobrados para abastecer as termelétricas brasileiras.

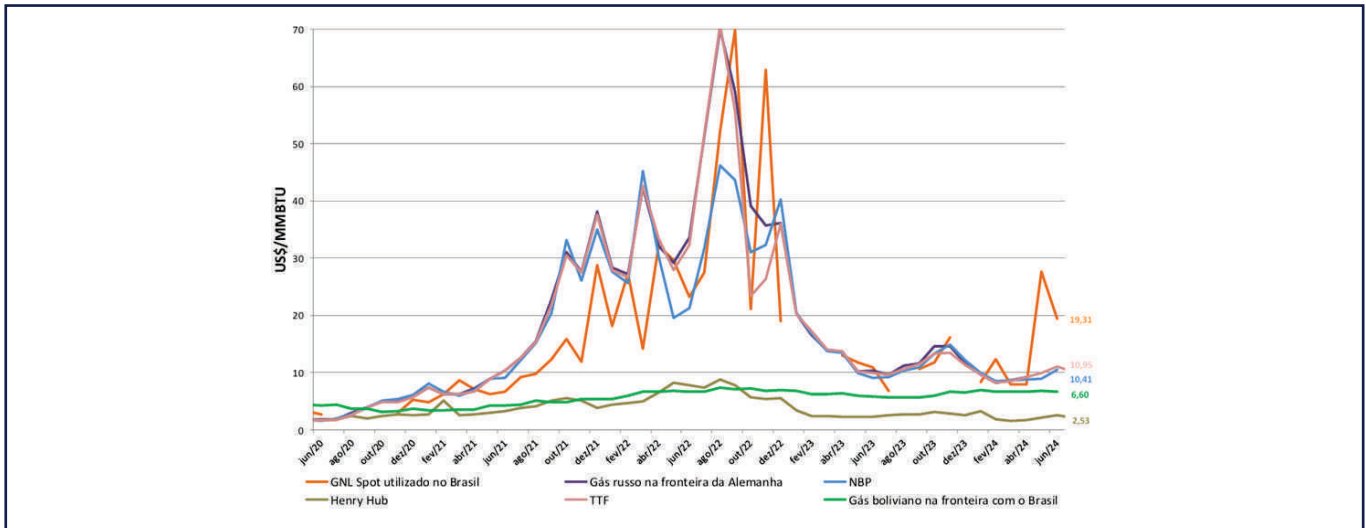
Segundo a S&P Global, três das cargas entregues ao Brasil em setembro foram importadas para o terminal da Bahia, operado pela Petrobras, enquanto o terminal de regaseificação de São Paulo, operado pela Edge, o terminal de regaseificação de Porto de Açu, operado pela GNA, e a instalação operada pela Karpowership na Baía de Sepetiba importaram uma carga cada.

Os *traders* do setor de gás natural que operam no Brasil esperam que as importações permaneçam firmes durante o inverno do hemisfério norte. Para isso, o Brasil deve pagar prêmios aos preços europeus para atrair o interesse de venda e retirar as cargas durante o inverno para ajudar a alimentar a demanda regional.

Apesar da importação tradicional de gás natural oriundo de gasodutos da Bolívia e dos avanços, durante o G20 realizado no Rio de Janeiro, nas negociações com a Argentina para o fornecimento de 2 milhões de metros cúbicos de gás a partir de 2025, o país precisa de mais volumes imediatos de GNL.

A necessidade interna de compra de GNL está diretamente atrelada ao uso crescente de usinas termelétricas

**GRÁFICO 2**  
COMPARATIVO DE PREÇOS DE GÁS NATURAL E GNL



para suprir a ausência energética causada pelos níveis baixos de hidrelétricas em tempos de seca.

Dados da Commodity Insights mostram que o Brasil importou 31 cargas este ano, contra 13 cargas recebidas em 2023. Isto representa o potencial do Brasil como forte importador líquido de gás natural, por gasoduto e por navios.

A vitória de Trump permite ao Brasil certa tranquilidade quanto ao fornecimento emergencial para atender a demanda interna, e principalmente, para a geração de energia elétrica. No entanto, a volatilidade dos preços internacionais de gás natural pode se refletir na conta doméstica e industrial do consumo brasileiro.

De imediato, no mercado global os preços de referência do gás natural na Europa estão subindo, puxados por incerteza sobre oferta suficiente e aumento da demanda, já que a Europa se aproxima do terceiro inverno desde o início da guerra da Ucrânia e de riscos geopolíticos no Oriente Médio. As tensões geopolíticas, geralmente impulsionadas pelos EUA e pela Rússia, são um dos principais fatores de risco para os preços da energia no continente.

As incertezas continuam a dominar os mercados, apesar da disponibilidade de reservas de gás serem suficientes com novos reservatórios em produção nos últimos anos, e a certeza de que a vitória de Trump alimentará ainda mais o mercado produtivo de óleo e gás norte-americano.

Para os *traders* do mercado brasileiro a antecipação na compra da molécula se torna a estratégia mais segura para garantir sua cota de gás e evitar a volatilidade dos preços por fatores geopolíticos não relacionados diretamente com a política nacional.

De concreto, em função da crise hídrica, o aumento da geração de energia a gás no Brasil terá um impacto direto nos consumidores e nas indústrias, aumentando as contas para cobrir o maior uso das usinas termelétricas do país.

O Boletim da Indústria de Gás Natural do Ministério de Minas e Energia de junho deste ano, apresenta um comparativo de preços de gás natural e GNL. O gráfico 2 apresenta o valor de 19,31 US\$/MMbtu para o GNL *spot* utilizado no Brasil, enquanto o gás boliviano na fronteira com o Brasil possui um custo de 2,53 US\$/MMbtu. Vale destacar, afim de comparação, outros valores abaixo do *spot* importado pelo Brasil, como: Henry Hub e TTF.

## REFERÊNCIAS

Ministério de Minas e Energia. 2024. Boletim Mensal de Acompanhamento da Indústria de Gás Natural. Junho. Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/secretarias/petroleo-gas-natural-e-biocombustiveis/publicacoes-1/boletim-mensal-de-acompanhamento-da-industria-de-gas-natural/2024/06-boletim-de-acompanhamento-da-industria-de-gas-natural-junho-de-2024.pdf/view>

Blakeway, A.; Jalan, S. 2024. *Brazil expects to add to LNG competition over winter: sources*. S&P Global. Setembro. Disponível em: <https://www.spglobal.com/commodityinsights/en/market-insights/latest-news/lng/092524-brazil-expects-to-add-to-lng-competition-over-winter-sources#article0>